

## FREQÜÊNCIA DOS ESTUDANTES AO LABORATÓRIO DE ENFERMAGEM COMO ATIVIDADE DE LIVRE OPÇÃO

*Maria Romana Friedlander\**  
*Evelina Schvartz\*\**  
*Sandra R. de A.G.B. Tavares\*\**  
*Cell Regina da Silva Noca\*\**

**RESUMO:** Relata os resultados obtidos com a utilização do laboratório de enfermagem pelos estudantes, como atividade de livre opção, em horários fora do período diário de aulas. Esses estudantes foram auxiliados e orientados por alunos-monitores de séries mais adiantadas. Conclui que as exigências dos estudantes em relação ao treinamento das habilidades básicas de enfermagem são altamente individuais e observa que o procedimento mais treinado foi a arrumação de cama. Deixa algumas indagações cujas respostas poderiam prover o professor de diretrizes que orientem a atuação docente.

### 1. INTRODUÇÃO

Apesar da enfermagem estar passando por um processo de profundas alterações, as habilidades psicomotoras provavelmente continuarão a representar um componente marcante no conjunto dos conhecimentos próprios do profissional. A enfermagem continuará a responsabilizar-se por ações ligadas diretamente ao conforto dos pacientes, as quais requerem uma habilidade manual bem desenvolvida<sup>2,3</sup>.

Para o ensino dessas habilidades têm-se mostrado de grande eficiência, técnicas de ensino como simulações, demonstrações e o labora-

\*Professor Assistente Doutor da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, em exercício na Universidade Estadual de Campinas.

\*\*Alunas-monitoras da Disciplina Fundamentos de Enfermagem da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo.

tório de enfermagem<sup>3,4</sup> principalmente quando o ensino a nível real não é possível devido à inexistência da situação concreta ou sempre que essa aprendizagem represente riscos para o paciente ou para o equipamento<sup>7</sup>.

O estudo da literatura, na área da educação em enfermagem, deixa claro que está sendo defendido e difundido o uso do laboratório de enfermagem para a aquisição de habilidades. Os principais argumentos levantados são:

— A aprendizagem requer experimentar, testar, descobrir e errar, o que nem sempre é possível na situação real<sup>5</sup>.

— O tempo utilizado pelo estudante para a aprendizagem no campo real não deve ser dispendido com habilidades cujo treino pode ser efetuado por meio de outras técnicas de ensino. Há uma grande diferença entre cuidar de clientes e aprender a cuidar de clientes<sup>5</sup>.

— A situação real não deve ser utilizada para o desenvolvimento de certas aptidões que poderiam ser adquiridas sem colocar em risco a segurança e o conforto do cliente<sup>3,6</sup>.

— A inabilidade na execução das atividades em situação real parece aumentar o grau de ansiedade do estudante quando se encontra junto ao cliente<sup>4</sup>.

— A situação de trabalho do enfermeiro quando usada como laboratório pode levar o estudante a generalizar certos comportamentos não generalizáveis.

— A situação real não permite que sejam atendidas as características de aprendizagem individuais dos estudantes. Nem sempre o campo oferece possibilidade de repetição adequada ao estudante<sup>1,3</sup>.

— A supervisão constante exigida em situação real dificulta o desenvolvimento da independência do estudante.

## 2. DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

Esse conjunto de argumentos levaram os docentes da disciplina Fundamentos de Enfermagem da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo a tomar algumas decisões. Entre elas, os professores resolveram que, além do cronograma normal das aulas teóricas, práticas e demonstrações, o laboratório de enfermagem seria organizado de forma a permitir que o aluno o utilizasse livremente para treinar as habilidades que lhe parecessem mais difíceis.

O referido laboratório conta com duas salas que comportam oito unidades de pacientes, armários para a guarda de material permanente e de consumo de enfermagem, roupas de cama e banho, aparelhos variados, dois manequins, cadeira de rodas, maca e torpedão de oxigênio.

Essas salas são equipadas com pias para a lavagem do material, quadro negro, escrivaninhas e carteiras escolares.

Conta, também, com uma funcionária treinada para controlar, guardar, manter em ordem todo material e atender pedidos de estudantes e dos docentes. No horário de intervalo para o almoço e após o período diário de aulas, alunos-monitores de séries mais adiantadas ficam à disposição para auxiliar e orientar a prática dos estudantes.

Durante o primeiro semestre letivo de 1983 os alunos-monitores controlaram a utilização do laboratório de enfermagem pelos estudantes em horário livre. Utilizaram um instrumento (anexo) onde cada aluno registrou a data, o horário de entrada e saída do laboratório, tempo dispendido em treinamento, atividade desenvolvida e o nome do monitor que o acompanhou, se fosse o caso.

Esse levantamento teve como objetivo a verificação do número de estudantes que freqüentou o laboratório, o tempo dispendido e as habilidades básicas de enfermagem mais treinadas.

### 3. RESULTADOS E INTERPRETAÇÕES

Dos 75 alunos matriculados em 1983 na disciplina Fundamentos de Enfermagem, 65 (86,6%) utilizaram o laboratório de enfermagem (LE) fora do período de aulas programadas.

Esses 65 alunos foram 234 vezes ao LE, ou seja, uma média de 3,6 vezes por aluno, os quais gastaram um tempo total de 129 horas e 55 minutos. Isto significa que, em média cada estudante utilizou aproximadamente 2 horas distribuídas em 3,6 vezes e gastou cerca de 33,3 minutos por vez no LE.

Sob o ponto de vista pedagógico este dado talvez indique que o estudante prefira organizar o seu treinamento de forma a gastar pouco tempo por vez e um maior número de vezes. Note-se que o tempo para uma aula expositiva indicado pelos pedagogos é de aproximadamente 45 minutos.

Por outro lado, não podemos por de lado a hipótese de que o estudante, assoberbado pelos deveres obrigatórios, não dispõe de mais

tempo diário. Uma terceira hipótese de interpretação é que o estudante preferisse reforçar seu conhecimento imediatamente após cada demonstração oferecida pelos docentes.

Outros aspectos de interesse são aqueles que se referem aos procedimentos básicos de enfermagem treinados pelos estudantes, às vezes que foram treinados e o tempo que dispenderam nesse treinamento.

Na Tabela I nota-se que o procedimento mais treinado foi a arrumação de cama, executada por 93,8% dos estudantes que frequentaram o LE. É difícil interpretar esse dado pela falta de investigações sobre o assunto em nosso meio. Contudo, várias indagações podem ser levantadas. A arrumação de cama é o procedimento que exige maior habilidade? Os docentes são tão exigentes nesse procedimento que os estudantes são motivados a fazer um treinamento intenso.

Na Tabela II observa-se que também foi a arrumação de cama a atividade que gastou o maior tempo médio por estudante (59,9 minutos), seguida por movimentação, transporte e conforto no leito (52,6 minutos). Estranha-se, não só o destaque que a arrumação de cama mereceu na preferência dos estudantes, como também o não aparecimento de outros procedimentos na listagem daqueles que foram treinados. Sabe-se que, por exemplo, o cateterismo vesical ou o soro endovenoso, quando incorretamente executados, podem ocasionar sérios prejuízos para o bem-estar e a integridade do paciente. Esses dois procedimentos não aparecem entre os que foram treinados pelos estudantes. Será que os estudantes não encontraram condições adequadas para o treinamento destes últimos procedimentos citados? Ou, os dois últimos procedimentos não exigem grande habilidade manual? Que relações existem entre o grau de dificuldade dos procedimentos e o treinamento pelos estudantes no LE?

Na mesma tabela, notam-se ainda, diferenças significativas entre o tempo máximo e o mínimo gasto pelos alunos no treinamento dos diferentes procedimentos. Enquanto um estudante utilizou 15 minutos para o treinamento da arrumação de cama, outro chegou a usar mais de quatro horas para treinar o mesmo procedimento. Este resultado parece reforçar a idéia de que cada estudante apresenta características individuais relacionadas à aprendizagem, as quais dificilmente poderão ser atendidas com o uso de uma metodologia de ensino que não preveja as implicações dessas diferenças.

TABELA I – Procedimentos básicos, número de alunos que os treinaram no LE e número de vezes que foram treinados, em 1983.

Procedimentos	Alunos		Vezes	
	Nº	%	Nº	média p/est.
1. Arrumação de cama	61	93,8	102	1,67
2. Curativo	28	43,0	30	1,07
3. Calçar luvas esterilizadas	16	24,6	20	1,25
4. Movimento, transporte e conforto no leito	16	24,6	19	1,18
5. Temperatura, Pulso, Respiração e Pressão Arterial	14	21,5	15	1,07
6. Lavagem intestinal	13	20,0	13	1,00
7. Massagem de conforto	11	16,9	11	1,00
8. Medicação parenteral e Coleta de Sangue	10	15,3	10	1,00
9. Lavagem das mãos	4	6,1	4	1,00
10. Banho no leito	3	4,6	3	1,00
11. Montagem de seringas acondicionadas em pacote esterilizado	2	3,0	2	1,00
12. Manipulação de pacotes esterilizados	2	3,0	2	1,00
13. Limpeza de unidade de paciente	1	1,5	1	1,00
14. Peso e altura	1	1,5	1	1,00
15. Exame físico	1	1,5	1	1,00

TABELA II – Procedimentos básicos e tempo de treinamento (em minutos), por estudante, no Laboratório de Enfermagem em 1983.

Procedimentos	máximo	mínimo	médio
1 – Arrumação de cama	280	15	59,9
2 – Curativo	115	10	37,5
3 – Calçar luvas esterilizadas	60	10	32,3
4 – Movim., Transporte e Conforto no leito	102	20	52,6
5 – Temperat., Pulso, Respiração e Pressão Arterial	110	10	28,3
6 – Lavagem Intestinal	75	10	24,6
7 – Massagem de Conforto	50	15	30,0
8 – Medicação parenteral e Coleta de Sangue	65	20	35,3
9 – Lavagem das mãos	35	12	27,0
10 – Banho no Leito	30	30	30,0
11 – Montagem de seringas acondicionadas em pacote	15	15	15,0
12 – Manipulação de pacotes esterilizados	35	17	26,0
13 – Limpeza da unidade do paciente	15	15	15,0
14 – Peso e Altura	15	15	15,0
15 – Exame Físico	30	30	30,0

#### 4. CONCLUSÕES

Os dados apresentados podem tornar-se muito importantes no planejamento do ensino em LE e colocam algumas indagações que merecem estudos mais detalhados.

Em relação às exigências individuais de treinamento, nota-se que o ensino planejado pormenorizadamente por um docente poderá não atender às características de alguns estudantes. Se for fixado o tempo de treinamento ou o número de vezes que cada aluno deverá treinar, corre-se o risco de se exigir repetições desnecessárias e desmotivantes para alguns e não treinar efetivamente outros. Portanto, a oportunidade de cada aluno desenvolver o seu treinamento de acordo com suas necessidades pessoais, parece-nos um aspecto a favor da utilização livre do LE.

Em relação aos procedimentos, parece haver necessidade de se colocarem algumas questões cujas respostas possam direcionar com segurança os docentes responsáveis pelo ensino dos procedimentos básicos de enfermagem. Será que não está havendo uma nítida desproporção entre o tempo gasto pelos estudantes e a significância da aprendizagem? O que motiva um estudante a treinar um ou outro procedimento? A motivação estimulada pelo professor concentra-se nos tópicos de maior importância para a competência do enfermeiro? Como desenvolver o interesse do estudante pelo treinamento de suas habilidades manuais?

Essas questões são fundamentais para o ensino dos procedimentos de enfermagem e para os docentes reverem sua atuação, a significância dos conteúdos a serem ensinados e a programação dos estágios práticos devido às sérias implicações que podem ter no aproveitamento do tempo do estudante de enfermagem.

SUMMARY: Students were trained at the classroom laboratory, as a free choice activity during other than daily classroom time. Such students were helped and taught by proctors from more advanced classes. Results indicate that students' demands concerning basic nursing skills training are highly individual, bed making having been the most trained procedure. A few questions are posed which, properly answered, might offer the teacher guidelines to direct his performance.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

1. CREATIVE use of the laboratory. *The Lamp*, Melbourn, 32(8). 34-6, Aug. 1976.
2. ELLIOTT, R.; JILLINGS, C.; THORNE, S. Psychomotor skill acquisition. *The Canadian Nurse*, Montreal, 78(3): 25-7, Mar. 1982.
3. FRIEDLANDER, M.R. *O ensino dos procedimentos básicos no laboratório de enfermagem: comparação entre dois métodos de instrução*. Tese de Doutorado apresentada à Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, 1984.
4. GRIGSBY, K.; SMITH, S. Teaching basic nursing skills in a new curriculum. *Journal of Nursing Education*, 16(3): 17-21, mar. 1977.
5. INFANTE, M.S. Toward effective and efficient use of the clinical laboratory. *Nurse Educator*, 6: 16-19, jan./feb., 1981.
6. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA, Departamento de Assuntos Universitários – *Desenvolvimento do Ensino Superior de Enfermagem no Brasil*, 1979.
7. MINISTÉRIO DA SAÚDE – *A organização das ações de desenvolvimento de recursos humanos nas Secretarias de Saúde*. Brasília, Centro de Documentação do Ministério da Saúde, 1982.

Endereço do Autor: Dra. Maria Romana Friedlander  
Author's Adress: Rua Cel. Quirino, 1961 – Ap. 51  
13.100 – Campinas – SP.

ANEXO

ESCOLA DE ENFERMAGEM DA UNIVERSIDADE  
DE SÃO PAULO

LABORATÓRIO DE ENFERMAGEM

Controle da Frequência e movimento

Folha nº \_\_\_\_\_

Data	Hora de entrada	Hora de saída	Total de Horas	Nome do aluno	Atividade	Resp.p/ L.E.